



TRATADOS E ACORDOS À ÉPOCA DA 2.^a GUERRA MUNDIAL

Fernando de Castro Velloso Filho

O artigo apresenta uma recapitulação sintética dos tratados e pactos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Surgidos um em consequência do outro, na tentativa de evitar o conflito, eles vieram, ao contrário, acelerá-lo.

"Insultam-me ao repetir que quero a guerra. Serei louco? A guerra? Mas a guerra nada resolveria! Só faria agravar a situação do mundo. Marcaria o fim de nossas raças, que são elites, e, com o correr dos tempos, ver-se-ia a Ásia instalada no continente e o bolchevismo triunfante."

(Palavras de Adolph Hitler, recolhidas por F. Brison, em 1933)

INTRODUÇÃO

As questões que precederam a Segunda Guerra Mundial foram confusas e giraram em torno dos interesses particulares de cada país envolvido.

A habilidade e a inteligência dos dois maiores líderes de Estados totalitários da história, conjuntamente com o apaziguamento inglês e francês, o isolacionismo americano e o

pacto de não-agressão soviético, propiciaram uma expansão desenfreada e sem limites do Nazismo e do Facismo, adotados pela Alemanha e Itália, respectivamente.

Todos os problemas ocorridos após o término da Primeira Guerra Mundial, tais como: crise de 1929, ineficiência da Liga das Nações, decadência das democracias, revanchismo alemão contra o "Dicktat" de Versalhes e dívidas de guerra com



Hitler (1889-1945), ditador alemão e chefe nazista.



Mussolini (1883-1945), ditador italiano.

a Itália, vieram promover o advento dos "Estados Fortes", que liderados, principalmente, por Hitler e Mussolini foram, com certeza, os responsáveis diretos pelo estouro da Segunda Grande Guerra Mundial.

Vários tratados e pactos antecederam a guerra. Foram surgindo, um em consequência do outro, tentando evitar um novo conflito, mas que, ao contrário, vieram acelerá-lo.

PACTO DOS QUATRO

Após a Primeira Guerra Mundial os países vencedores se reuniram e impuseram, à Alemanha, o Tratado de Versalhes, pelo qual aquele país se obrigava a viver sob uma série de restrições.

Hitler, que defendeu as idéias de formação de uma Grande Alemanha e de reação ao "Dicktat" de Versalhes, assim que chegou ao poder, as pôs em prática.

Em 1933, Mussolini, após a Conferência Econômica de Londres, fez-se mostrar necessária uma reunião entre as grandes potências européias: França, Inglaterra, Itália e Alemanha. O comitê formado tinha por objetivo fazer uma revisão concordante de todos os acordos de paz que foram feitos a partir de 1919; caracterizar, definir e ouvir a posição do ditador alemão sobre sua "Política do Espaço Vital", a qual tinha, por meta, unir as populações alemãs es-

palhadas pelo mundo; perceber os problemas criados pelo Tratado de Versalhes; estudar as reivindicações italianas sobre terras que eram dívidas de guerra e, finalmente, propor um fim para o parlamentarismo executado pela Liga das Nações, substituindo-o por uma espécie de Conselho, formado pelas quatro potências que exerceriam, então, uma administração sobre as nações.

As posições tomadas pelos países envolvidos na conferência eram as mais diversas: A Alemanha, como já foi dito, entrou com o propósito de unir seu povo (na verdade, aumentar seu

território) e anular o Tratado de Versalhes para, inclusive, poder se rearmar; a França, logicamente, se opôs a ele, porque não queria que a terra de Hitler voltasse a se tornar uma ameaça para o seu país; a Inglaterra, com sua política apaziguadora, não fez pressão contra a decisão alemã; e a Itália, além de ter sido convocadora da reunião, pedia justiça quanto aos problemas das indenizações de guerra.

Ao final da reunião foi assinado o Pacto dos Quatro que, por força das conseqüências previstas, não chegou a ser ratificado.



Desfile nazista: a violência e o expansionismo caracterizaram o regime de Hitler.

PACTO DO AÇO (EIXO ROMA-BERLIM)

O resultado obtido pela intervenção na Espanha, apesar de todas as derrotas, levou, a uma união definitiva, as diferentes potências facistas que ainda hesitavam em se aproximar. Essa união resultou na proclamação por Mussolini do "Eixo Roma-Berlim", em 1º de novembro de 1936. O "Eixo" se apresenta-

Apesar de todos os ataques vindos do exterior, essa aliança não surgiu sem dificuldades nem retrocessos. Tanto do lado italiano quanto na Alemanha, manifestavam-se sérias reservas contra um estreito entendimento entre os dois países.

Na Guerra Civil Espanhola, os italianos enviaram tropas, com os alemães, para auxiliar Francisco Franco e, às vésperas da Segunda Guerra, a Albânia



Voluntários das Brigadas Internacionais partem para a guerra contra os franquistas.

va como um elemento da nova ordem triunfante. Em torno dele, turbilhonavam, em círculos fugitivos, as democracias decadentes e os grupos de esquerda refratários ao humanismo e favoráveis ao terror. Só a partir desse momento, existiu um facismo internacional dotado de um centro prestigioso e resplandecente. Pela primeira vez, também, todas as potências que iriam participar do novo conflito mundial definem seus próprios contornos.

seria agredida pela Itália. O Estado do Duce entrou decididamente ao lado da Alemanha e do Japão (Eixo Roma-Berlim-Tóquio) na Segunda Guerra Mundial, mas a estrutura econômica do país não correspondeu à verborragia dos seus dirigentes, observando-se, desde o início, que a guerra seria custosa e difícil para o país.

Essa intervenção nos problemas espanhóis se deu sem que as demais potências ocidentais abandonassem sua neu-

tralidade. Só a União Soviética forneceu ajuda aos republicanos.

Apesar disso, o que uniu estreitamente, apesar de todos os obstáculos, as relações entre a Alemanha e a Itália foi, essencialmente, a simpatia pessoal que nasceu entre Hitler e Mussolini, depois do fracasso de Veneza (no seu escritório da Casa Marrom, Hitler tinha um grande busto do ditador italiano e, num gesto de respeito, nada habitual, designou Mussolini "o Chefe de Estado mais importante do mundo, ao qual ninguém podia se comparar, nem de longe").

Embora o antifacismo tenha criado sua legenda nos campos de batalha da Espanha, a união entre os dois grandes países totalitários, firmando o Pacto do Aço, apareceu como uma séria ameaça à paz mundial.

Concluiu-se, portanto, que o Eixo Roma-Berlim, mais tarde Eixo-Roma-Berlim-Tóquio, foi o grande "motor gerador" do novo combate que englobou o mundo inteiro.

PACTO ANTI-KOMINTERN

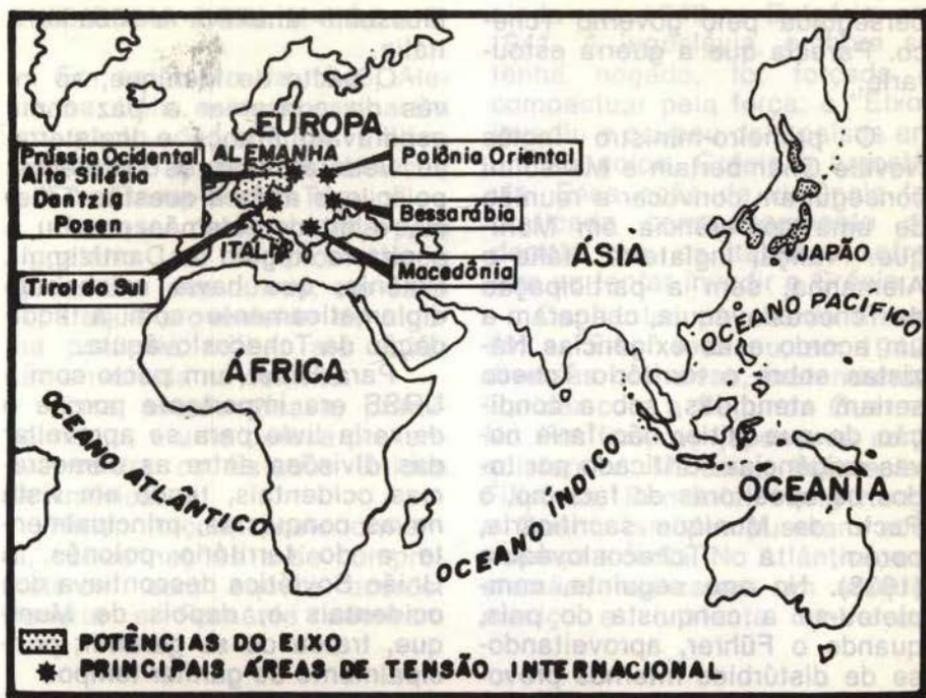
O Japão iniciou uma grande fase de prosperidade depois da Primeira Guerra Mundial e da crise de 29. É natural, portanto, que esse país que "caminhava para o grande", sob regime capitalista e democrático, se preocupasse com sua posição territorial: extremo oriente do globo,

confrontando-se com a União Soviética, primeiro e maior país comunista do mundo.

Em 1936, os japoneses, temendo uma intervenção soviética na sua política no Oriente, aproximaram-se da Alemanha e assinaram um Pacto Anti-Komintern, ou seja, contra a Internacional Comunista. Percebe-se, então, o fechamento do Eixo-Roma-Berlim-Tóquio, uma vez que a Alemanha, já ligada à Itália, ligava-se agora ao Japão.

O Pacto Anti-Komintern foi divulgado, em 25 de novembro de 1936, aos embaixadores de todas as potências representadas em Berlim, por Harr Von Neurath, Ministro das Relações Exteriores. Na reunião havida no Ministério, foram então expostos todos os pormenores do Pacto que acabara de ser negociado. O propósito desse acordo era o de tomarem, os signatários, medidas comuns contra as atividades internacionais do Komintern, tanto dentro de suas fronteiras como fora delas.

Concluiu-se, obviamente, pelo texto, que as negociações sobre o Anti-Komintern foram secretamente dirigidas contra os russos, embora alternasse o compromisso de combater o comunismo internacional. É fato também que esse acordo movido contra países comunistas, mas sobretudo contra a URSS, foi mais uma das causas do conturbado período de guerra que envolveu o mundo a partir de 1939, pois dele derivou o "Eixo Roma-Berlim-Tóquio" que foi o lado derrotado do conflito.



Focos de atrito internacional às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

ACORDO DE MUNIQUE E PACTO GERMANO-SOVIÉTICO

A pretensão de Hitler de conseguir formar a "Grande Alemanha", onde uniria a "raça pura alemã" e a vontade de reorganizar novamente um Exército forte, fizeram com que o Führer passasse a desrespeitar o tratado de Versalhes.

Animada pelos sucessos da Guerra Civil Espanhola, a Alemanha Nazista, apoiada no par-

tido nazista austríaco, realizou, em 1938, o chamado Anschluss, ou seja, a anexação da Áustria sem ser preciso disparar um tiro. Esse ato demonstrava o início de uma exarcebada e completamente desenfreada expansão totalitária Nazista.

O imperialismo Alemão voltou-se, então, contra a Tchecoslováquia exigindo a anexação da Região dos Sudetos, na fronteira com a Alemanha, onde habitava uma minoria alemã, alegando que essa minoria era

perseguida pelo governo Tcheco. Parecia que a guerra estouraria.

O primeiro-ministro inglês Neville Chamberlain e Mussolini conseguiram convocar a reunião de uma conferência em Munique. França, Inglaterra, Itália e Alemanha, sem a participação da Tchecoslováquia, chegaram a um acordo e as exigências Nazistas sobre o território Tcheco seriam atendidas, sob a condição de que Hitler não faria novas exigências. Criticado por todos os opositores do facismo, o Pacto de Munique sacrificaria, porém, a Tchecoslováquia (1938). No ano seguinte, completou-se a conquista do país, quando o Führer, aproveitando-se de distúrbios internos provocados por nazistas tchecos, transformou a Boêmia e a Morávia em protetorados alemães, e a Tchecoslováquia tornou-se "Independente". Essa independência era assegurada pela presença de tropas alemãs no seu território. Ao mesmo tempo,

Mussolini anexava a Albânia à Itália.

O pacto de Munique, ao invés de conservar a paz como esperavam França e Inglaterra, só veio agravar os problemas pois, logo após a questão Tcheca, o ditador alemão passou a aspirar a Região de Dantzig, na Polônia, que havia colaborado diplomaticamente com a liquidação da Tchecoslováquia.

Para Hitler, um pacto com a URSS era importante porque o deixaria livre para se aproveitar das divisões entre as democracias ocidentais, tendo em vista novas conquistas, principalmente a do território polonês. A União Soviética desconfiava dos ocidentais e, depois de Munique, tratou de se garantir; principalmente de ganhar tempo.

Em 23 de agosto de 1939, Soviéticos e Alemães assinaram um pacto de amizade, o Pacto Germano-Soviético: Stalin deixava Hitler com as mãos livres para se lançar contra a Polônia e desencadear a Segunda Guerra Mundial.



Charge de revista da época.

EIXO ROMA-BERLIM-TÓQUIO

Em setembro de 1940, Alemanha, Itália e Japão assinaram um pacto de aliança militar, mediante o qual se estabeleceu o "Eixo Roma-Berlim-Tóquio".

Por esse tratado, cada país signatário se comprometia a ajudar uns aos outros, em caso de ataque proveniente de alguma potência militar até então não envolvida no conflito.

Esse acordo visava, principalmente, a uma defesa preventiva contra os Estados Unidos da América.

Hitler forçou, posteriormente, outras nações a se comprometerem com aquele acordo: Hungria e România aderiram

ainda em 1940; a Bulgária em 1941. A Iugoslávia, embora se tenha negado, foi forçada a compactuar pela força: o "Eixo" invadiu e ocupou dois países em um só golpe, Grécia e Iugoslávia. Essa ação de violência foi praticada, como segmento da derrota que os italianos sofreram ao tentar invadir a Grécia.

Confiantes no acordo firmado, o "Eixo" realizou, em 1942, diversas ofensivas, pretendendo liquidar com a Segunda Guerra. No Pacífico, os japoneses conquistaram: Malásia, Indonésia, Filipinas, Birmânia, Hong Kong e Guam; também puseram sob ameaça a Índia. No Atlântico, os alemães realizaram um ataque maciço e constante contra os



Berlim, 1945: para Hitler, o fim de uma guerra que ele próprio iniciara.

navios ingleses e norte-americanos: foram afundadas cerca de 8,2 milhões de toneladas.

Navios brasileiros foram também alvo dessa ação devastadora, e o nosso país, provocado e atingido sem motivos, declarou guerra ao "Eixo", mobilizou uma Força Expedicionária (FEB) e partiu para a luta na Europa.

O "Eixo", porém, começaria a sentir a derrota ao final desse mesmo ano. O Sistema de Comboio e os dispositivos eletrônicos reduziram o poderio dos submarinos alemães. O Japão lutaria contra a escassez de materiais estratégicos e contra a gigantesca produção bélica americana.

Successivamente cairiam a Itália, a Alemanha – dia 8 de maio de 1945, "Dia da Vitória" – e o Japão. Assim, melancolicamente, o "Eixo" chegaria ao seu fim.

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, R.S.L. e outros, História das Sociedades, Ao Livro Técnico, 1978.
- ARRUDA, J.J.A., História Moderna e Contemporânea, Editora Ática, 10ª Edição, 1979.
- BARBEDO, H., Curso de História Geral, Editora Harbra, 1984.
- CHURCHILL, W., A Segunda Guerra Mundial (1ª Vol.), Companhia Editora Nacional (*The Second World War*).
- FEST, J., HITLER, Editora Nova Fronteira – 1973 (*Hitler, Eine Studie Uber Dic Angst*)
- SOUTO MAIOR, A., História Geral, Companhia Editora Nacional, 1983.



FERNANDO DE CASTRO VELLOSO FILHO, nascido em 22 de dezembro de 1969, no Rio de Janeiro. Universitário matriculado em Engenharia Civil na UCG. Cursa Engenharia Florestal na UnB, Matemática no CEUB e Administração na Faculdade Católica. Realizou seus estudos de 1º e 2º graus no Colégio Militar de Brasília, onde se destacou como tenente-aluno, classificando-se entre os dez primeiros colocados no Curso de Formação de Reservistas e distinguido com a assinatura do Livro de Ouro, por excelente conduta ao longo de todo o curso. Possui o Curso de Conceitos de Processamentos de Dados e Microcomputadores, ministrado pela Diretoria de Informática do Exército, com menção MB.